

O PARÂMETRO DA LINEARIDADE EM SINTAGMAS NOMINAIS PRODUZIDOS POR CRIANÇAS DURANTE A AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA

Sebastião Carlos Leite GONÇALVES¹

- **RESUMO:** O propósito deste trabalho é apresentar um estudo do início da aquisição do português como segunda língua por três crianças de uma comunidade de nipo-brasileiros do Brasil. Até a idade escolar, fase em que começa a aquisição do português, estas crianças falam unicamente o japonês como língua materna. Com base no modelo de princípios e parâmetros da teoria da gramática gerativa (Chomsky, 1981), foi tomado como objeto de estudo um fenômeno sintático que diferencia o japonês do português: o parâmetro da linearidade (isto é, ordem das palavras), o qual estabelece para o japonês o núcleo sintagmático em posição final (*head-last*) e para o português, em posição inicial (*head-first*). Valendo-me dos estudos sobre *language transfer* (Odlin, 1989), mostro que, nesta fase da aquisição, as crianças, na produção de sintagmas nominais (NP → N + complemento), transferem o parâmetro *head-last* do japonês para o português. As evidências mostradas neste trabalho contrariam alguns estudos que negam a existência de *transfer* (Dulay & Burt, 1974; Dulay et al., 1982), sobretudo no nível sintático (Felix, 1978; Genesee et al., 1995; Paradis & Genesee, 1996).
- **PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição de L2; transferência; parâmetro da linearidade.

¹ Departamento de Letras Vernáculas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15054-000 – São José do Rio Preto – São Paulo (scarlos@lev.ibilce.unesp.br).

Preliminares

Este artigo constitui parte do terceiro capítulo da minha dissertação de mestrado intitulada *Aquisição do português como segunda língua: o caso das crianças Yuba*, defendida no IEL/Unicamp, em fevereiro de 1997. Aqui, apresento uma análise de dados da produção linguística de três crianças nipo-brasileiras em fase inicial de aquisição do português como segunda língua (L2, daqui em diante), tendo o japonês como língua materna (L1, daqui em diante). Centro-me, nesta análise, na investigação da aquisição de um fenômeno sintático: **o parâmetro da linearidade**, ponto em que a sintaxe do japonês difere da do português. Para tanto, baseei-me em estudos sobre transferência de linguagem – fenômeno mais comumente conhecido na literatura de aquisição de L2 como *language transfer* (Odlin, 1989) –, correlacionados aos pressupostos teóricos da teoria inatista de aquisição da linguagem (Chomsky, 1981, 1988; Radford, 1990; Raposo, 1992).

Os dados do português na fase de aquisição em que se encontravam as crianças-sujeito desta pesquisa apresentaram uma variação, ora refletindo a sintaxe do japonês ora a do português, resultando numa mistura de códigos em que o léxico pertence à L2 e a sintaxe de ordenação das palavras, à L1, situação verificada sobretudo nas construções de NP.²

A despeito de alguns trabalhos sobre a aquisição de L2 que negam o *transfer* de aspectos de L1 no processo de aquisição de L2 (Dulay & Burt, 1974; Dulay et al., 1982), sobretudo no nível sintático (Felix, 1978; Paradis & Genesee, 1996), este meu trabalho tem como propósito primeiro fornecer evidências de que o *transfer* tem seu lugar apropriado na aquisição de L2, em particular quando L1 e L2 são tipologicamente diferentes, como é o caso das línguas envolvidas neste estudo.

Dessa forma, constituíram-se como objetivos principais deste trabalho:

- (i) descrever e analisar a construção de NPs presentes na gramática intermediária de crianças em fase inicial de aquisição do português falado como L2, explicando a transferência de regras de L1 para L2,

² Seguindo a forma empregada originalmente em inglês, como é tendência dos estudos em gramática gerativa, adoto, neste trabalho, os seguintes rótulos: AP, para sintagma adjetival; NP, para sintagma nominal; VP, para sintagma verbal; PP para sintagma preposicional; A, para adjetivo; N, para nome; V, para verbo; P, para preposição.

- à luz do modelo de princípios e parâmetros da teoria da gramática gerativa;
- (ii) comparar os dados de L2 com dados de aquisição do português como L1; e,
 - (iii) comparar os resultados com os da literatura que trata do mesmo assunto.

No que respeita à metodologia empregada, os dados que compuseram o *corpus* desta pesquisa foram obtidos através de gravações, em fita de áudio, da fala de três crianças nipo-brasileiras.³ Das sessões de gravação, resultaram, ao final de 24 sessões, 12 horas e 5 minutos de fala das crianças. As gravações, realizadas em ambiente escolar, foram feitas a partir de diálogos que procuravam estimular a capacidade de narrar da criança. Apesar de todo o processo interacional ter sido conduzido pelo pesquisador, foi dado às sessões um caráter observacional. Procurei manter o menor intervalo de tempo entre as gravações e a transcrição dos dados para que o contexto dos processos interacionais, importantes para a interpretação de alguns dados, também pudesse ser registrado. Foram transcritas somente as falas em português, já que algumas sessões foram gravadas com a presença de mais de uma criança Yuba, ocasiões em que a língua usada entre elas obviamente não era o português.

Cabe ressaltar que as crianças Yuba, apesar de serem monolíngües do japonês quando ingressam na escola, não recebem nenhum tratamento diferenciado das demais crianças no processo de alfabetização. Acrescente-se a isso o fato de, na comunidade onde vivem, ser esporádico o contato dessas crianças com falantes do português. Na vida diária, gastam pouco tempo diante da televisão e, quando o fazem, geralmente assistem a programações em língua japonesa. Antes da idade escolar, também são esporádicas as saídas das crianças da comunidade. Pode-se considerar então que a aquisição de L2 segue um processo relativamente natural.

3 A idade das crianças, identificadas aqui por **A**(poloni Satie Yuba), **K**(Ilaus Kojiro Yuba) e **M**(eali Yurika Tsujii), à época da pesquisa variava de 6;07 a 8;03. Todas elas são filhas de nipo-brasileiros residentes em uma colônia rural, conhecida como Granja Yuba, e constituem hoje terceira ou quarta geração de imigrantes japoneses. Essa colônia rural está situada no município de Mirandópolis (605 km a oeste de São Paulo) e sua fundação é decorrente da política migratória japonesa da década de 1920. Hoje, essa comunidade compõe-se de cerca de 30 famílias, cujo *modus vivendi* procura preservar a cultura japonesa, desde a língua, de uso cotidiano, até o trabalho agrário, conciliados com atividades esportivas, artísticas e culturais.

Pressupostos teóricos

Diante do propósito deste trabalho, optei por ter a teoria inatista como suporte teórico, já que sua concepção de linguagem é a da língua como um sistema de regras formais, ao qual o falante tem acesso de forma inconsciente. A unidade de análise que adoto então é uma categoria sintática (no presente caso, o sintagma), estando envolvidos nesta questão princípios para os quais parece ser esta a teoria a que fornece respostas mais satisfatórias.

Para Chomsky, o grande propagador da teoria inatista, a criança nasce com um potencial completo para a linguagem, que atinge seu pleno funcionamento com a maturação do “órgão mental”, a que chamou LAD (*Language Aquisition Device*) ou UG (*Universal Grammar*) ou ainda Faculdade da Linguagem, onde se encontra depositado o conhecimento linguístico, tratado como um sistema de regras e princípios radicados na mente humana, responsáveis pela produção de estruturas linguísticas. A linguagem, portanto, é algo que “acontece” com a criança, bastando, para tanto, que um membro mais experiente da espécie lhe forneça o *input* (dado) para que seu “órgão mental” seja ativado. Quando o processo de aquisição é completado, a linguagem constitui o estado maduro da faculdade da linguagem: a pessoa, então, fala e entende determinada língua.

Desenvolvida a Faculdade da Linguagem, o falante passa a ter acesso a um conhecimento sobre a estrutura de sua língua que o orienta no uso dela. Esse conhecimento foi denominado **competência linguística**, em contraposição à **performance linguística**, que é o uso da língua pelo falante em uma situação concreta de fala. A questão que surge então é quais aspectos da língua estão “disponíveis” para a criança, desde que nasce, e quais devem ser “aprendidos” com base na exposição a uma língua particular.

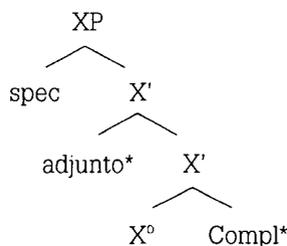
Apoiadas na sintaxe, as investigações acerca da aquisição e do desenvolvimento da linguagem, dentro da perspectiva inatista, encontram-se solidamente amparadas no **modelo de princípios e parâmetros** proposto por Chomsky (1981). Esse modelo é composto essencialmente por princípios extremamente gerais, que se supõe reger todas as línguas do mundo. Nesse sentido, a Gramática Universal é constituída por dois tipos de princípios: um de caráter geral, rígido e invariável, que a gramática de qualquer língua tem incorporado, propriamente chamado de **princípio**; e outro, de caráter mais aberto, chamado de **parâmetro**, que nada mais é do que uma propriedade de uma

língua particular, a qual deve ser aprendida. O parâmetro pode ter um ou outro valor, que será determinado pela experiência linguística da criança e, uma vez que o valor é aprendido, a variedade dos fatos segue os princípios gerais da linguagem (Chomsky, 1988)

Conforme dispõe a teoria, no processo de aquisição da linguagem, se for adotado um modelo em que os parâmetros são inicialmente neutros, em relação ao seu valor no estado final da língua, há de se considerar que a informação negativa seja relevante na aquisição do sistema linguístico final. Para a manutenção da versão forte da não-pertinência da informação negativa no processo de aquisição da linguagem, a adoção que se mostra mais consistente é a do modelo em que os parâmetros possuem um valor inicial não-marcado, alterado apenas se houver evidências positivas contrárias nos dados primários a que a criança tem acesso (Raposo, 1992, p 55-9). Vale dizer que a questão do que constitui o estado inicial de aquisição é ainda uma questão aberta dentro dos estudos da aquisição da linguagem.

A facilidade que a criança, adquirindo qualquer que seja a L1, tem em "fixar" o parâmetro da ordem das palavras de sua língua, segundo o modelo de princípios e parâmetros, deve-se em grande parte à consistente simetria com que as categorias lexicais são projetadas dentro de categorias sintagmáticas de níveis mais altos (Radford, 1990), como mostrado em (1) abaixo.

- (1) esquema geral de projeção de categorias sintagmáticas, segundo o modelo X-barra



onde, X = N,V,P,A e outras categorias funcionais; XP = projeção máxima de X; X' = projeção intermediária de X; X° = núcleo sintagmático; compl = complemento de X°; spec = especificador de X (p.ex., determinante). O asterisco (*) indica a possibilidade de ocorrência de mais de um dos respectivos constituintes à direita ou à esquerda de X' ou X°.

Dentro do modelo dos princípios e parâmetros, o parâmetro que determina a ordem linear dos constituintes sintagmáticos é chamado **parâmetro da linearidade** (Radford, 1990) ou **parâmetro da ordem linear** (Raposo, 1992), o qual obedece ao **princípio da endocentricidade**. Esse princípio dita que um núcleo (x^0) projeta-se sempre dentro de sua respectiva categoria máxima (XP). Assim, um NP tem como núcleo um N; um VP, um V, um PP, um P, e assim por diante. As propriedades de uma categoria lexical (N, V, P etc.) admitem que ela tenha ou não um complemento. No caso de presença de complemento, duas possibilidades se apresentam: 1. ou o núcleo posiciona-se antes do seu complemento, como para o português, caso que caracteriza línguas de parâmetro *head-first* (HF, daqui em diante) ou de núcleo inicial, ou 2. o núcleo posiciona-se depois do seu complemento, como para o japonês, caso que caracteriza línguas de parâmetro *head-last* (HL, daqui em diante) ou de núcleo final. Assim, o princípio da endocentricidade determina apenas que o núcleo projeta-se dentro de sua categoria sintagmática, sem, no entanto, definir a posição do núcleo em relação ao seu complemento. Essa escolha é determinada pelo parâmetro fixado pelas línguas particulares, como ilustrado em (2), abaixo.

(2) exemplos de construções HL (japonês) e HF (português)

(a) jap . João-ga [_{VP} Maria-o **but**-ta]
 João-(nominativo) [Maria-(acusativo) espancar-(passado)]
 port João [_{VP} **espancou** Maria]
 (Kuno apud Haegman, 1991, p 13)

(b) jap Taroo-ga [_{VP} **Hanako-ni** tegami-o **kai-ta**]
 Taroo-(nom) [Hanako-(dat) carta-(ac) escrever-(pas)]
 port Taroo [_{VP} **escreveu** uma carta **para Hanako**]
 (Kuno apud Raposo, 1992, p 186)

O que deve ficar claro até este ponto é que, por estar a ordem de palavras sujeita a variação paramétrica entre as línguas naturais, a criança, na aquisição de sua língua, estará diante da tarefa de determinar, a partir de sua experiência linguística, o valor apropriado do parâmetro que regula a ordenação dos constituintes sintagmáticos. Adotando essa hipótese e transpondo-a para a aquisição de L2, proposta do trabalho que aqui apresento, tento mostrar que a criança Yuba encontra-se em um estágio desenvolvimental em que ainda está em curso a fixação do parâmetro do português, visto que nas suas produções linguísticas encontram-se tanto o parâmetro HF como o HL.

A partir dos estudos sobre aquisição de L2, algumas hipóteses foram sugeridas para explicar vários fenômenos que decorrem da aquisição bilíngüe sucessiva e, neste estudo, ative-me à questão do *transfer*, para explicar a presença de parâmetros de L1 atuando na aquisição de L2.

Aplicado aos estudos de aprendizagem e ensino de línguas, o termo *transfer* refere-se à transferência de elementos da língua nativa para padrões da língua alvo, quando os aprendizes tentam se comunicar na língua que está em curso de aquisição (Gass, 1980). Já numa concepção mais ampla de aquisição de L2, "*transfer* é a influência resultante de similaridades e diferenças entre a língua alvo e alguma outra que foi previamente adquirida" (Odlin, 1989, p.27)

O fenômeno de *transfer* tem sido uma questão amplamente explorada e motivo de muita controvérsia. A grande polarização fica entre a **Hipótese da Análise Contrastiva** (HAC) (Lado & Fries apud Odlin, 1989) e a **Hipótese da Construção Criativa** (HCC) (Dulay & Burt, 1974; Dulay et al., 1982).

A HAC advoga que as tarefas de aquisição de L1 e de L2 são diferentes e, no processo de aquisição de L2, em que aspectos desta se igualam a aspectos da língua previamente adquirida, nenhum novo hábito lingüístico é adquirido e o aprendido é, dessa forma, facilitado. Por outro lado, onde aspectos das línguas envolvidas divergem, L1 interfere como um novo hábito para a L2 poder ser aprendida. Entretanto, da forma como foi concebida, essa hipótese não dá conta de prever quais aspectos são suscetíveis de transferência de uma língua para outra (Odlin, 1989), além de tratar o aprendizado de uma língua como formação de hábitos.

A HCC nega qualquer influência de L1 no processo de aquisição de L2, concebendo os dois processos como autônomos, uma vez que mecanismos cognitivos universais são a base para a organização de uma língua alvo, seja ela adquirida como L1 ou como L2. Segundo essa hipótese, os possíveis erros, entre eles o *transfer*, encontrados no processo de aquisição de L2, devem-se a um processo de construção criativa, tido como universal, que prevê a reconstrução de regras, de modo que a criança vai eliminando as diferenças entre o que ela ouve e o que ela produz (Dulay & Burt, 1974, p.34).

Com base em estudos experimentais envolvendo um amplo grupo de crianças com várias L1, adquirindo o inglês como L2, as pesquisadoras proponentes da HCC afirmam que a interferência de padrões da língua previamente adquirida em L2 é virtualmente nula, por apresentar

uma frequência menor que 5%. Felix (1978), assumindo posição semelhante, assegura que, em dados sintáticos, exemplos de *transfer* são raros e assistemáticos. A questão importante sugerida por este autor é por que a transferência/interferência ocorre em alguns domínios de L2 e por que não é uma fonte importante de “erros” em sintaxe. Essa precaução também se encontra em outros trabalhos que, antes de colocarem o *transfer* como uma solução para os “erros” produzidos em L2, procuram verificar quais regras de L1 podem ou não ser transferidas no processo de aquisição de L2 (Odlin, 1989; Gass, 1980; Tarallo & Myhill, 1983).

Tanto o componente contrastivo quanto o componente criativo são contemplados dentro de uma terceira hipótese, proposta por Flynn (1987), e da qual mais se aproximam os resultados por mim obtidos neste trabalho: a **Hipótese da Marcação de Parâmetros**. Em estudos de aquisição de L2, Flynn conclui, baseada no modelo de marcação de parâmetros, que no ponto em que L1 e L2 se igualam, ao parâmetro de L2 não precisa ser atribuído um novo valor, e, no ponto em que divergem, um novo valor ao parâmetro de L2 precisa ser atribuído. Nesse modelo, tanto atua a análise contrastiva, para estabelecer o grau de similaridade entre as línguas envolvidas, quanto atua a construção criativa, já que mecanismos universais – e, aqui, mais precisamente a Gramática Universal com seus princípios – desempenham um papel fundamental na marcação dos parâmetros.

Várias outras contribuições importantes, sugerindo evidências de *transfer* no processo de aquisição de L2, foram dadas por estudiosos cujos trabalhos não são aqui discutidos em pormenor. Vale, entretanto, mencionar alguns daqueles que enfocaram o *transfer* de padrões de L1 para L2 em diferentes subsistemas da língua: o trabalho de Itoh & Hatch (1978), para o nível fonológico; os trabalhos de Wode (1978), Tarallo & Myhill (1983), Vainikka & Young-Scholten (1996), Schwartz & Sprouse (1996), para o nível sintático; e o trabalho de Yoshida (1978), para o nível lexical, entre outros.

A unidade de análise

Os NPs tomados para estudo da ordem linear são todos compostos de N + PP; este último, na grande maioria das ocorrências, estabelecendo uma função semântica de posse com o N a que se liga, como em “Pai do João”, “casa dele” etc.

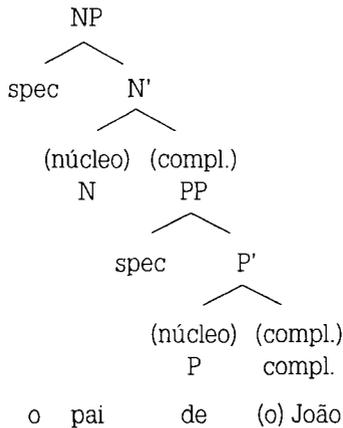
A linearidade dos constituintes de NP em português

Segundo Raposo (1992), para o português, a regra de reescritura categorial do NP é a dada em (3):

(3) NP → (D) N (PP)

e sua representação estrutural, para os casos de PP-complemento, a dada em (4):

(4) Representação estrutural de NP + PP-complemento em português



Com base em (3) e (4), o núcleo de um NP pode opcionalmente vir acompanhado de um determinante (D, geralmente artigo), que ocupará a posição de especificador (*spec*), e/ou de um sintagma preposicional (PP), que ocupará a posição de complemento. O tipo de NP, aqui considerado, possui uma estrutura extremamente rígida, não sendo possíveis outras ordenações diferentes da apresentada acima.

A linearidade dos constituintes de NP em japonês

Por ser o japonês uma língua posposicional, falta-lhe preposição. Todas as relações funcionais e relações de Caso, que em português seriam representadas por preposições, complementizadores, conjunções, são expressas, em japonês, por determinadas *partículas*, que aparecem pospostas à categoria a que ela se liga. Por exemplo, aparecem ligadas

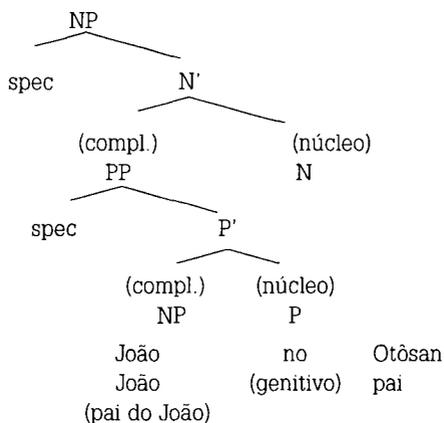
ao N as marcas morfológicas *-ga* para indicar o Caso nominativo, *-ni* para o Caso dativo, *-o* para o Caso acusativo, *-no* para o Caso genitivo; a marca *-wa* para especificar a função de tópico ou tema da sentença, e tantas outras. Além da representação de relações de Caso (ou de topicalização) ou de funções que, em português, são representadas por conjunções e preposições, as *partículas* usadas na língua japonesa servem ainda para indicar a “atitude” do falante em relação ao conteúdo da sentença, quando aparecem pospostas ao verbo, como, por exemplo, para indicar consenso (*-ne*); ênfase (*-yo*, *-tomo*); monólogo (*-na*); pergunta (*-ka*) etc. (Ono, 1992; Kuno, 1990).

Uma vez que a partícula *-no*, em japonês, é a que estabelece, dentre outras, a função semântica de posse, a regra de reescritura do NP constituído de N + PP-complemento, para essa língua, é a seguinte:

$$(5) \text{ NP} \rightarrow (\text{NP-no}) \text{ N}$$

Diferentemente do português, determinantes, tais como artigos, não ocorrem em japonês, conforme prevê a regra dada em (5), e o complemento do N vem posicionado à sua esquerda, conforme dispõe o parâmetro da linearidade dessa língua. Observe-se que a partícula *-no*, nesse caso, funciona da mesma forma como uma preposição, em português (daqui em diante, essa partícula e o N ao qual se liga serão tratados como um PP, porém, leia-se “sintagma posposicional”, quando este vier à esquerda de um N). Configuracionalmente, tem-se então para esse tipo de NP a representação dada em (6).

(6) Representação do NP com PP-complemento em japonês



Vê-se mais claramente a relação de posse existente entre o PP-complemento e o núcleo do NP, quando, em japonês, o PP-complemento é codificado como um pronome pessoal, que, em português, corresponderia ao pronome possessivo, como mostram os exemplos abaixo:

(7) exemplos, do japonês, da relação de posse codificada em um pronome pessoal

(a) $[_{NP}[_{PP} \text{ Watashi-no}][_{N} \text{ ie}]] = \text{minha casa}$
eu-(genitivo) casa

(b) $[_{NP}[_{PP} \text{ Anata-no}][_{N} \text{ ie}]] = \text{sua casa}$
você-(genitivo) casa

(c) $[_{NP}[_{PP} \text{ Kara-no}][_{N} \text{ ie}]] = \text{casa dele}$
ele-(genitivo) casa

Para o tipo de NP aqui tomado para estudo, como em português, uma rigidez na ordenação também é observada no japonês, fato que não se liga à língua ser considerada como de ordenação tipológica rígida (Odlin, 1989, p.95).

Análise e interpretação dos dados

As evidências que comprovam a influência de L1 na L2 em aquisição pelas crianças Yuba são mostradas por meio da descrição das construções de NPs, as quais, posteriormente, são comparadas com as de uma criança adquirindo o português como L1.

O nível NP em L2

Conforme dispõem os parâmetros da ordem linear das duas gramáticas em concorrência, neste ponto da aquisição do português como L2, foi comum encontrarem-se construções do tipo:

(8) Construções de NP com o parâmetro HL^4

(a) [P perguntando a M e a A sobre as criações da colônia onde moram]

4 Para uma melhor compreensão dos NPs, foram transcritos os contextos em que eles foram produzidos. Nesta transcrição, a coluna da esquerda refere-se à fala do Pesquisador (P) e a da direita, à fala da criança. A letra, nos parênteses, identifica o sujeito e, os números, sua idade em anos e meses.

P: você mexeu na galinha? ... e aí

P: sua mãe?... que que ela fez?

P: é?

(a') [igual ao contexto anterior]

A: mãe ó ... mãe né faz né assim ()

M: é né [_{PP} **da** [_{NP} [_{PP} **Apoloni da**]
[_N **mãe**]]]... tem porco

A: **ele porco né**... [_{NP} [_{PP} **meu mãe**]
[_N **porco**]] né... (faz menção de sair
da sala)

(A, 7;07; M 7;03)

(b) [K contando sobre uma cachorra
que teve filhotes]

P: mas de quem é o cachorro? ...
do Raru?

K: é:: do [_{NP} [_{PP} **Raru de**] [_N **papai**]]...
do **Raru de mamãe**

(K, 7;09)

(c) [igual ao contexto anterior]

P: sei

K: você sabe Éder?

K: [_{NP} [_{PP} **dele**] [_N **casa**]] tem
(K, 7;10)

(d) [P pede a K que conte sobre
um filme a que assistiu]

P: como que é a história do rei
leão? [...] o que que acontece?
... conta aí a história pra mim...
eu não sei... eu não assisti ainda

K: eu esqueci também... o leão morre
... papai também morre/papai morre
((tosse)) e o leão foi grande e.... é::

[_{NP} [_{PP} **rei leão do**] [_N **seu'rmão**]]⁵...
seu'rmão fez assim "quero matá" e foi
[som onomatopaico] fez assim

(K, 8;00)

Os exemplos dados aqui mostram claramente que a forma de arranjo dos constituintes internos dos NPs segue a sintaxe de ordem de palavras do japonês, ou seja, em todos eles o núcleo do sintagma segue o

⁵ A seqüência [_N seu'rmão] deve ser interpretada como equivalente a [_N irmão].

seu complemento, tratando-se, portanto, de uma produção linguística em que a sintaxe pertence à L1 e o léxico pertence a L2. Em todos os NPs em que ocorreu a transferência de regra do japonês, além da estrutura formal [N + PP-complemento], também uma relação semântica de posse, codificada como [possuidor + possuído], foi determinante para que a criança aplicasse a regra de sua L1. Para a interpretação dos sintagmas dados em (8), segundo o padrão estrutural do português adulto, as formas devem ser invertidas como a criança codifica as funções “possuído” e “possuidor”, o que, respectivamente, resultaria nos seguintes sintagmas: (a) [a mãe da Apoloni]; (a') [porco dela] ... [porco da minha mãe]; (b) [papai de Raru]; (c) [casa dele]; (d) [irmão do rei leão].

Um falante monolíngüe do português que não saiba tratar-se de um processo de *transfer* de regras do japonês poderia atribuir a essas interpretações uma outra completamente diferente da significação pretendida pela criança. Os exemplos (8b) e (8d) ilustram essa possibilidade. Em (8b), quando a criança produz *Raru de Papai*, tal enunciado poderia ser interpretado como o *Raru [é] do Papai*, justamente pelo fato de o núcleo do NP (*papai*) estar ocupando a posição de complemento, em acordo com a estrutura superficial do NP em português. Entretanto, o significado de (8b) é exatamente o contrário, isto é, conforme a estrutura do japonês, tal enunciado deve ser interpretado como o *papai [é] de Raru*, que foi exatamente a intenção da criança que o produziu. Em (8d), o enunciado *rei leão do [seu] irmão* (ver nota de rodapé nº 5), semelhantemente ao que ocorre com (8b), também poderia ser interpretado como o *rei leão [é] do irmão*, quando, na verdade, o significado conferido pela criança foi o *irmão [é] do rei leão*.

Tais interpretações são possíveis pelo fato de a alteração na forma [N + P(NP)] implicar também a alteração do significado [posse + possuidor]. Quando a inversão ocorre, o possuidor (*Raru, rei leão*) muda de função com o possuído (*papai, irmão*), passando este a exercer a função daquele. Veja-se que a possibilidade dessas interpretações deve-se também em grande parte ao comportamento do PP. Nos exemplos (8b) e (8d), a preposição, que cuida de estabelecer a relação de posse, mantém-se na posição que em português relaciona a posse ao possuidor. Nos demais exemplos (8a,c), a mesma interpretação talvez não se aplique, uma vez o PP não se comporta da mesma forma que nos exemplos (8b,d): às vezes a preposição é apagada, como em (8a'), às vezes PP é anteposto ao núcleo de NP, como em (8c) e às vezes há uma mistura de anteposição e posposição do PP, como em (8a). Os exemplos dados em (8b,d) são os que mais fielmente refletem as construções feitas segundo

o parâmetro da língua japonesa. Tomando o exemplo (8b), comparemo-lo à sua versão para o japonês:

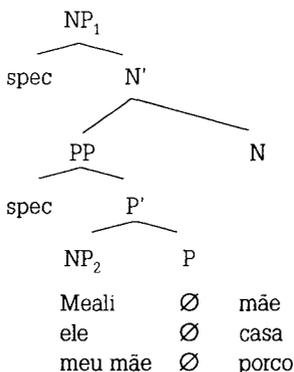
(9) estrutura de NP em L2 equivalente à de NP em L1

L2: [_{NP} [_{PP} [_N Raru] [_P de] [_N Papai]]

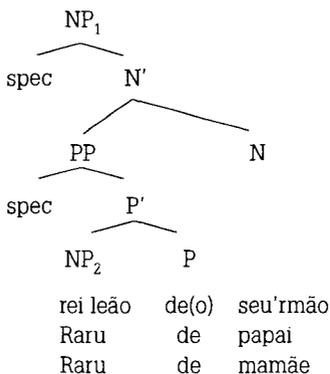
L1: [_{NP} [_{PP} [_N Raru] [_P no] [_N Otôsan]]

No português das crianças Yuba foram encontradas quatro maneiras diferentes de estruturação do NP com PP-complemento sob influência do parâmetro *HL* do japonês. Para uma melhor visualização, estas ocorrências estão apresentadas nas suas formas arborescentes em (10) a (13), as quais retratam os exemplos dados em (8).

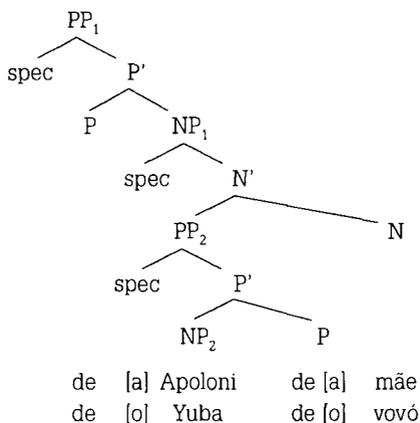
(10) posposição do núcleo de NP e ausência de núcleo no PP



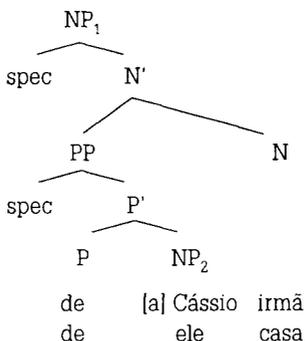
(11) posposição do núcleo de NP e do núcleo de PP



(12) posposição do núcleo de NP e preposição e posposição simultâneas de núcleos conferidos ao PP



(13) Posposição do núcleo de NP e preposição do núcleo de PP



Em (10), o complemento é anteposto ao núcleo de NP₁, conforme estabelece o parâmetro do japonês. Entretanto, em PP, a preposição não é realizada, o que levaria a um contra-argumento de que se trata de uma situação de N + N (*Meali mãe, ele casa, ele porco* etc.), como comumente ocorre na fase de duas palavras conhecida universalmente, em aquisição de L1, fase em que não mais se encontram as crianças fornecedoras desses dados. Em construções desse tipo, a ausência da

preposição não permitiria determinar sua posição em relação ao núcleo, se à direita ou se à esquerda, já que ambas são ocorrências possíveis na fala das crianças Yuba. Entretanto, optei por essa representação por ser ela a que caracteriza a estruturação do PP, enquanto o parâmetro *HF* ainda não está fixado por completo na L2, o que é o caso. As evidências de que se trata de um NP composto de um N + [(**pseudo**) PP + N] são extraídas dos próprios contextos de produção, razão pela qual foram transcritos em (8).

No exemplo dado em (11), à medida que a preposição surge para marcar o PP, a projeção do NP com PP-complemento estrutura-se exatamente como em japonês, ou seja, tanto o NP₁ quanto o PP-complemento seguem o parâmetro *HL* do japonês.

Nos exemplos dados em (12), o NP₁ (principal) é estruturado de acordo com o parâmetro *HL*, ou seja, o núcleo do NP₁ é posposto ao seu complemento (PP₂). PP₂, por sua vez, também segue o parâmetro *HL*, ou seja, seu núcleo posposto tem como complemento o NP₂. A aplicação do parâmetro *HF* ocorre no PP₁ que encabeça todo o sintagma. O núcleo preposicionado de PP₁ toma como complemento o NP₁. O resultado final de construções com esta estrutura, onde aparece uma duplicidade de preposição (uma encabeçando o sintagma principal e a outra interna a este), revela uma aplicação simultânea dos parâmetros *HF* e *HL*, o que pode ser interpretado como uma fase de transição no português L2 das crianças Yuba, isto é, uma passagem da aplicação do parâmetro de L1 (*HL*) para a aplicação do parâmetro da língua alvo (*HF*), conforme dispõe a gramática do português adulto.

Nos exemplos dados em (13), a estruturação de NP₁ segue o parâmetro *HL* do japonês, porém o PP-complemento já se encontra marcado de acordo com o parâmetro *HF* do português.

Além de construções de NPs como as apresentadas aqui, ocorreram também construções em que o parâmetro *HF* foi adequadamente aplicado em L2. São alguns exemplos deste tipo:

(14) Construções de NP com parâmetro *HF*

- | | |
|--|------------|
| (a) [NP [N irmã] [PP da Sáki]] | (A, 07;08) |
| (b) [NP [N casa] [PP do papai]] | (K, 07;09) |
| (c) [NP [N papai] [PP do Masin]] | (K, 07;09) |
| (d) [NP [N namorado] [PP da [NP[N mamãe][PP do Len]]]] | (K, 07;09) |
| (e) [NP [N casa] [PP dele]] | (K, 08;00) |
| (f) [NP [N irmã] [PP da Miel]] | (M, 07;03) |

Em vista de não ter sido possível um acompanhamento longitudinal das crianças-sujeito no processo de aquisição de L2, uma proposta de uma ordem de aquisição do parâmetro *HF* na construção de NPs com PP-complemento não se mostraria de todo segura e consistente. Os tipos de construções de NP encontradas em L2 permitem apenas afirmar a existência de formas alternativas de as crianças construírem seus NPs e PPs. Pode até ser que essas formas alternativas caracterizem fases do processo de aquisição, postas em um *continuum*, entretanto nada posso afirmar a esse respeito.

Comparação com aquisição do português como língua materna

Tendo mostrado que a aquisição do português como L2 (PL2, daqui em diante) apresenta construções atípicas ao português, revelando serem estas decorrentes de um processo de transferência de regra do japonês, a seguir, no intuito de ratificar essa afirmação, procuro dar evidências de que na aquisição do português como L1 (PL1, daqui em diante) não é comum a criança empregar uma ordem diferente da do português adulto. Uma vez que para este trabalho elegeu-se apenas o nível NP, a comparação que aqui será feita restringir-se-á também a esse mesmo nível.

Para efeitos de comparação da aquisição de NP em PL1 e PL2, foi tomado como base o estudo empreendido por Perroni (1976). Em sua pesquisa de dissertação de mestrado, essa autora analisou o desenvolvimento da linguagem de sua filha Natália (N), uma criança falante do português brasileiro como língua materna. O período de aquisição abordado foi dos 2;01 aos 2;08 anos de idade, fase que abrange a emergência de enunciados de diversas palavras, com um avanço sensível no domínio dos morfemas gramaticais (preposições, pronomes, flexões verbais etc.). Com esse trabalho, foi possível a Perroni caracterizar aspectos da gramática portuguesa aos dois anos de idade, razão de ter sido este o trabalho escolhido para a comparação com os dados do português das crianças Yuba.

Embora Perroni (1976) não tivesse trabalhado no esquema do modelo de princípios e parâmetros (mesmo porque à época da pesquisa esse modelo não havia ainda sido desenvolvido), os dados de Natália podem ser interpretados segundo o parâmetro da linearidade.

Com relação ao mesmo tipo de NP considerado na produção de L2, para os dados de N, Perroni (1976, p.46) afirma que:

antes do conhecimento de meu, a criança marca a posse com a preposição seguida do nome do possuidor, ou amalgamada em pronomes pessoais ele/ela, quando não há preferência pelo próprio nome do possuidor ... É provável que a primeira expressão da noção de posse para a criança tenha sido: n + de + n, na ordem objeto possuído, preposição de, possuidor. (grifos da autora)

Em (16) são dados alguns exemplos de NPS encontrados em PL1, semelhantes aos estudados nos dados das crianças Yuba:

(16) exemplos de NP com PP-complemento em PL1

- (a) qué vê **o ábu deli**
"quero ver o rabo dele"
- (b) o achá u **ábu deli**
"eu vou achar o rabo dele"
- (c) **u bitidinho dela**
"o vestidinho dela"
- (d) **u patatinhu dela**
"o sapatinho dela"
- (e) **u zoínhu dela**
"o olhinho dela" (N, 2;2)

Diferentemente do que foi apresentado sobre as construções NP das crianças Yuba, o parâmetro *HF* parece já ser consistentemente aplicado por N nas construções do mesmo tipo de NP considerado, não tendo sido encontrada nenhuma variação quanto à ordenação dos constituintes internos⁶ (Perroni, 1976).

Tanto em português quanto em japonês do adulto, a ordenação dos constituintes de NPS com PP-complemento é invariável. A variação verificada no PL2 deve-se ao fato de as regras de ordenação, em português e em japonês, diferirem quanto à posição do núcleo do NP. Observe-se que tanto no PL1 quanto no PL2 a relação semântica de possuidor e possuído é acessível à criança. O que difere o NP em PL1 do NP em PL2 é a posição em que os elementos possuidor e possuído ocorrem dentro do sintagma, como esquematizado a seguir:

⁶ Attié-Figueira (IEL/Unicamp), em comunicação pessoal, afirma ter registrado em diário algumas construções semelhantes às das crianças Yuba em dados de aquisição do português (L1) de sua filha.

(17) posição dos constituintes internos de NP em PL1 e PL2

- a) PL1: $N_{\text{possuído}} + \text{Prep} + N_{\text{possuidor}}$
b) PL2: $(\text{Prep}) + N\{\text{possuidor}\}_{\text{possuído}} + (\text{Prep}) + N\{\text{possuído}\}_{\text{possuidor}}^7$

Pelo esquema dado aqui, vê-se que a regra utilizada pela criança para a construção do NP em PL1 é categórica, isto é, não admite variantes, enquanto em PL2, a regra, nessa etapa da aquisição, prevê uma variação na posição ocupada pela preposição e pelos Ns (possuidor e possuído) constituintes do NP.

O fato de em português adulto, e também em PL1, não haver a possibilidade de variação na ordenação dos constituintes do NP mostra que às construções Complemento-N, em PL2, não caberia uma outra explicação que não a de transferência do parâmetro da linearidade do japonês.

Se resta qualquer dúvida quanto à hipótese de transferência do parâmetro da linearidade de L1 para o PL2, espero que essa comparação tenha cumprido o papel de resolver um possível impasse. Acrescento a isso que a transferência de padrões sintáticos de L1 para a L2 também foi verificada em outros níveis, embora em menor frequência. São alguns exemplos:

(18) *transfer* de parâmetro da linearidade no nível VP

- (a) eu bolo comê (= eu comi bolo) (M, 7;00)
(b) ele, gato né ... rato vai vê né (= ele, o gato, vai ver o rato) (K, 7;09)
(c) eu Cíntia bateu não (= eu não bati na Cíntia) (A, 7;08)

(19) *transfer* na estruturação de construções interrogativas (ausência de movimento de palavras do tipo-Q)

- (a) você come como quê? (= como que você comia?) (K, 7;10)
(b) teato é quê? (= o que é teatro?) (A, 7;08)
(c) ele tá vendo pra quê? (= para onde ele está olhando?) (M, 7;00)

⁷ Os parênteses, "()", indicam a opcionalidade de ocorrência do constituinte por ele encerrado. As chaves, "{ }", representam uma escolha alternativa para a função do N. Entretanto, a realização de uma das funções exclui a realização da outra de igual valor.

(17) posição dos constituintes internos de NP em PL1 e PL2

- a) PL1: $N_{\text{possuido}} + \text{Prep} + N_{\text{possuidor}}$
b) PL2: $(\text{Prep}) + N_{\left\{ \begin{smallmatrix} \text{possuidor} \\ \text{possuido} \end{smallmatrix} \right\}} + (\text{Prep}) + N_{\left\{ \begin{smallmatrix} \text{possuidor} \\ \text{possuido} \end{smallmatrix} \right\}}$ ⁷

Pelo esquema dado aqui, vê-se que a regra utilizada pela criança para a construção do NP em PL1 é categórica, isto é, não admite variantes, enquanto em PL2, a regra, nessa etapa da aquisição, prevê uma variação na posição ocupada pela preposição e pelos Ns (possuidor e possuído) constituintes do NP.

O fato de em português adulto, e também em PL1, não haver a possibilidade de variação na ordenação dos constituintes do NP mostra que às construções Complemento-N, em PL2, não caberia uma outra explicação que não a de transferência do parâmetro da linearidade do japonês.

Se resta qualquer dúvida quanto à hipótese de transferência do parâmetro da linearidade de L1 para o PL2, espero que essa comparação tenha cumprido o papel de resolver um possível impasse. Acrescento a isso que a transferência de padrões sintáticos de L1 para a L2 também foi verificada em outros níveis, embora em menor frequência. São alguns exemplos:

(18) *transfer* de parâmetro da linearidade no nível VP

- (a) eu bolo comê (= eu comi bolo) (M, 7;00)
(b) ele, gato né ... rato vai vê né (= ele, o gato, vai ver o rato) (K, 7;09)
(c) eu Cíntia bateu não (= eu não bati na Cíntia) (A, 7;08)

(19) *transfer* na estruturação de construções interrogativas (ausência de movimento de palavras do tipo-Q)

- (a) você come como quê? (= como que você comia?) (K, 7;10)
(b) teato é quê? (= o que é teatro?) (A, 7;08)
(c) ele tá vendo pra quê? (= para onde ele está olhando?) (M, 7;00)

⁷ Os parênteses, "()", indicam a opcionalidade de ocorrência do constituinte por ele encerrado. As chaves, "{ }", representam uma escolha alternativa para a função do N. Entretanto, a realização de uma das funções exclui a realização da outra de igual valor.

Antes de apresentar as principais conclusões deste trabalho, vale mencionar que o fator “tempo de exposição ao português” também é determinante na aplicação adequada do parâmetro da linearidade em L2. É possível afirmar que com o aumento do tempo de exposição ao português e com o crescimento do conhecimento da língua, o *transfer* decresce e, conseqüentemente, a proporção de construções atribuíveis à interferência de L1 também decresce.

Conclusão

Do exposto até aqui, as evidências de *transfer* do parâmetro de L1 para a L2 em aquisição encontram amparo em estudos já feitos sobre a aquisição de L2 (Flynn, 1987; Odlin, 1989; Vainikka & Young-Scholthen 1996, entre outros) e, ao mesmo tempo, refutam postulados e teorias estabelecidos para esta mesma questão (Dulay & Burt, 1974; Dulay et al., 1982; Felix, 1978, Paradis & Genesee, 1996; Genesee et al., 1995). Longe de querer resolver definitivamente impasses criados em torno desse tema, as conclusões que aqui são apresentadas servem para fortalecer a postura teórica adotada no desenvolvimento deste trabalho e para mostrar que o fenômeno do *transfer*, sobretudo no nível sintático, não pode ser desconsiderado em estudos de aquisição de L2.

As seguintes conclusões gerais podem ser elencadas:

- (i) em sintaxe, “erros” de ordem ocorrem em L2 como transferência de L1, se os valores do parâmetro da linearidade das duas línguas são diferentes. Anulando-se a explicação de resultado de *transfer*, como os dados presentes na fala das crianças Yuba seriam explicados, se no português a que têm acesso (*input*) não encontram dados semelhantes? Não parece haver outra alternativa que não atribuir esses “erros” de ordem à transferência do parâmetro do japonês para o português em aquisição;
- (ii) os resultados a que cheguei indicam que, para os estudos de aquisição de L2, quando se tratar de línguas com parâmetros de valores diferentes para um mesmo princípio, uma estratégia de *transfer* de L1 para L2 pode se mostrar operante. Para se atingir o modelo adulto de L2, o *input* que a criança recebe em L2 interagindo com a gramática universal, força também atuante no processo de aquisição de L2 (pelo menos ainda dentro de um período crítico de aquisição da linguagem), leva a criança a remarcar o parâmetro em

questão, de acordo com a gramática de L2, sem que isso cause a extinção do valor do parâmetro já marcado em sua L1, desde que L1 seja mantida pela criança;

- (iii) além da distância tipológica entre as línguas ser um fator que fortemente proporciona a presença de regras de L1 atuando em L2, também o desequilíbrio entre a exposição à L2 e o uso efetivo dela parece propiciar o *transfer* como uma estratégia de aquisição de L2. Essa é a situação a que as crianças Yuba estão submetidas, uma vez que o contato delas com o português restringe-se às cinco horas diárias que passam na Escola.

Espero, com este artigo, ter dado a minha contribuição aos estudos da aquisição da linguagem, sobretudo no que se refere ao entendimento de estratégias empregadas na aquisição de L2. Raras têm sido as abordagens nesta área, enfocando o português adquirido como L2, sobretudo quando L1 é uma língua tipologicamente diferente, como é o caso do japonês.

Agradecimentos

Registro aqui os meus agradecimentos à Profa. Dra. M. C. Perroni, pela orientação deste trabalho durante o meu curso de mestrado no IEL/Unicamp.

GONÇALVES, S. C. L. The parameter of linearity in noun phrases produced by children during acquisition of Portuguese as a second language. *Alfa* (São Paulo), v.42, p.63-85, 1998.

- *ABSTRACT: The purpose of this paper is to present a study of initial acquisition of Portuguese as a second language by three children living in a Brazilian-Japanese community in Brazil. Until school age, when they start the acquisition of Portuguese, these children speak only Japanese as their mother tongue. I have chosen to investigate a syntactic phenomenon, which distinguishes the Japanese and the Portuguese languages: the parameter of linearity (that is, word order). According to this parameter, in Japanese the phrase head is in final position and in Portuguese it is in initial position. In this study, the principles and parameter model of generative grammar*

theory (Chomsky, 1981, 1988) has been used together with studies on language transfer (Odlin, 1989). I show that in this initial stage of second language acquisition the children transfer head-last parameter of Japanese to Portuguese, when they are producing noun phrases (NP → N + complement). The evidence presented contradicts other studies which deny the existence of language transfer at all (Dulay & Burt, 1974; Dulay et al., 1982), and those who deny it mainly at the syntactic level (Felix 1978; Genesee et al., 1995; Paradis & Genesee, 1996).

- **KEYWORDS:** L2 acquisition; language transfer; linearity parameter.

Referências bibliográficas

- CHOMSKY, N. Lectures on *government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- . *Language and problems of knowledge: the Managua lectures*. 2.ed. Massachussets: MIT Press, 1988.
- DULAY, H. C., BURT, M. K. Natural sequences in child second language acquisition. *Language Learning*, v.1, n.24, p.37-53, 1974.
- DULAY, H., BURT, M., KRASHEN, S. *Language two*. New York: Oxford University Press, 1982.
- FELIX, S. W. Interference, interlanguage, and related issues. In: HATCH, E. M. (Ed.) *Second language acquisition: a book of readings*. Massachussets: Newbury House, 1978.
- FLYNN, S. *A parameter setting model of L2 acquisition*. Dordrecht: Reidel, 1987.
- GASS, S. Language transfer and universal grammatical relations. *Language Learning*, v.2, n.29, p.327-43, 1980.
- GENESEEE, F., NICOLADIS, E., PARADIS, J. Language differentiation in early bilingual development. *Journal of Child Language*, v.3, n.22, p 611-31, 1995.
- HAEGMAN, L. *Introduction to government and binding theory*. Oxford: Basil Blackwell, 1991.
- ITOH, H., HATCH, E. Second language acquisition: a case study. In: HATCH, E. M. (Ed.) *Second language acquisition: a book of readings*. Massachussets: Newbury House, 1978.
- KUNO, S. *The structure of the Japanese language*. 9.ed. Massachussets: MIT Press, 1990.
- ODLIN, T. *Language transfer: cross linguistic influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- ONO, M. *Dicionário básico japonês-português*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1992.

- PARADIS, J., GENESEE, F. Syntactic acquisition in bilingual children. *Studies in Second Language Acquisition*, v.1, n.18, p.1-25, 1996.
- PERRONI, M. C. *Aspectos da gramática do português aos 2;0 de idade*. Campinas, 1976. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- RADFORD, A. *Syntactic theory and the acquisition of English syntax: the nature of early child grammars of English*. Cambridge: Basil Blackwell, 1990.
- RAPOSO, E. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.
- SCHWARTZ, B. D., SPROUSE, R. A. Cognitive states and the full transfer/full access model. *Second Language Research*, v.1, n.12, p.40-72, 1996.
- TARALLO, F., MYHILL, J. Interference and natural language processing in second language acquisition. *Language Learning*, v.1, n.33, p.55-76, 1983.
- VAINIKKA, A., YOUNG-SCHOLTEN, M. Gradual development of L2 phrase structure. *Second Language Research*, v.1, n.12, p.7-39, 1996.
- WODE, H. Development sequences in naturalistic L2 acquisition. In: HATCH, E. M. (Ed.) *Second language acquisition: a book of readings*. Massachusetts: Newbury House, 1978.
- YOSHIDA, M. The acquisition of English vocabulary by a Japanese-speaking child. In: HATCH, E. M. (Ed.) *Second language acquisition: a book of readings*. Massachusetts: Newbury House, 1978.